

Nas brumas revigorantes de *Jakaira Chy Ete*, o encantamento feminino das belas palavras Mbya Guarani

Ana Elisa de Castro Freitas

No início era apenas o escuro ... vasto e impreciso...

... quando a potência amorosa de *Nhamanduí* se agitou na imensidão. Um só devaneio poético da sua divindade bastou para ativar as forças imaginantes, despertando a matéria do tempo, tecendo as linhas do seu corpo luminoso, que dele mesmo se desdobravam ...

Num devaneio de vontade, intuiu diretamente da matéria de sua sabedoria o ponto e o traço das divinas formas primordiais.

Deslizou o espaço e fez suas mãos, portando flores e uma vara mágica, que lhe haveriam de auxiliar a conduzir a determinação criativa no sentido da autorrealização.



E fez os pés - antes mesmo de haver sonhado o firmamento ou a Terra com seus caminhos de andar! - e um banco de contemplar a mutação dos ventos e sua duração, nos devaneios de repouso.



Uma sutil vibração da sabedoria divina de *Nhamanduí* foi o bastante para verter gotas de orvalho em plumas e flores na sua cabeça, emanando um doce aroma por toda a vastidão da noite primordial...

... inebriado, o delicado *Mainoi* bailou em torno de *Nhamanduí*, nutrindo-o com a doçura do néctar paradisíaco, refrescando seus lábios e alegrando seu grande coração que a tudo iluminava...

No leito murmurante do vento sul primigênio, onde *Urukure'a* repousava, o espaço cobria-se com o manto escuro da noite...

... sábio no seu germinar divino, *Nhamanduí* ali florescia, iluminado pelo sol imanente do seu próprio coração.

Um só compasso da imaginação poética de *Nhamanduí* foi o bastante para engendrar o crepitar sonoro das chamas e seu fulgor, o fluir vivificante das neblinas com seu frescor - fontes da divina inspiração.

E no fluxo durador do seu saber-ver-ouvir supremo, irradiada pelo ardor-frescor de divinas chamas e neblinas, iluminada pelo sol do coração de *Nhamanduí*, a fonte da fala desvelou-se...



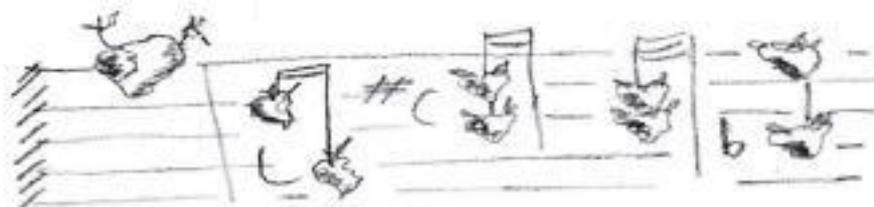
... len ta mente, a fala fluíu através do seu corpo divino... vertendo breve canto sagrado ... a fala - devir-palavra - divinizou-se ...

... em êxtase solitário, *Nhamanduí* meditou...

Fundamental é mesmo o AMOR, é impossível ser feliz sozinho ... o amor se deixa surpreender enquanto a noite vem nos envolver...

Com o sopro à flor da pele, na sua solidão, *Nhamanduí* cindiu o murmúrio dos ventos, compondo curta e bela melodia, acolhendo pequeno cântico na imensidão.

Buscando a nota impossível, meditando em meio à inquieta unidade do seu vibrante coração... de repente – acidente! Fez-se um hiato... um salto atonal... uma inversão ... bossa... jazz... e o amor o transcendeu, desdobrando-se num *cluster* de divindades - que haveriam também de saber fazer-se ... divinamente germinar e frutificar o próprio amor, na alegria dadivosa de um devir-enlace...



... e para que as futuras belas palavras ecoassem em cânticos ainda mais potentes e jamais esquecidos, para que permanecessem inspiradas na fonte vivificante das neblinas, *Nhamanduí* com-partilhou seu poder criador com uma plêiade de pares luminosos divinos, que dele se desdobravam. Seriam eles e elas os verdadeiros pais e mães das almas-palavras de seus futuros filhos e filhas...

... desdobrou-se em *Nhamandu Ru Ete*, o divino Sol, sua imagem verdadeira; *Nhamandu de Corazón Grande*, aquele que haveria de iluminar a tudo o que ainda nem existia, e que nunca estabeleceu morada sobre a Terra; e em *Nhamandu Chy Ete* – Mãe luminosa das almas-palavras de futuros e numerosos filhos e filhas que frutificariam do seu amor...

... desdobrou-se em *Karai Ru Ete* e *Karai Chy Ete*, que haveriam de guardar e fazer lembrar o poder criador contido nas chamas crepitantes, inspirando as almas-palavras de seus futuros filhos e filhas com o sonoro estalar do fogo e seu calor...



... desdobrou-se em *Tupã Ru Ete* e *Tupã Chy Ete*, guardiões dos ventos, do extenso mar e de todas as águas, cujos fluídos trariam frescor às manifestações divinas através dos tempos...

... e para que as belas palavras fossem sempre lembradas e entoadas em melodiosos cânticos, para que o frescor da neblina vivificante inspirasse as almas-palavras de seus futuros e numerosos filhos e filhas, *Nhamanduí* mais uma vez desdobrou-se nos Pai e Mãe amorosos, *Jakaira Ru Ete* e *Jakaira Chy Ete*.

"Néi, ndee reñeangarekóta tatchina
ñe'êngatu rapytarã íre.
Chee jeupe aikuaa va'ekuére emoñeangareko nde ra'y,
Jakaira Py'a Guachu.
A'évyma, emoñeenói:
tatchina ñe'êngatu jarã i,
ere nde jeupe"

"Néi, tatchina rangê i
emboupa nãnde ra'y apytére,
ñande rajy apytére.
Ara pyau nãvô eroatachinauka i
nde ra'y Jakaira Py'a Guachúpe
yvy rupa.
A'évare ae,
ñande ra'ykue íry,
ñande rajykue íry oiko porã i va'erã"



1

Após haver criado *Yvy tenonde*, a primeira Terra, após ter engendrado o Firmamento, disse *Nhamanduí* aos divinos *Jakaira Ru Ete* e *Jakaira Chy Ete*:

Na partilha amorosa da divindade, a vocês caberá zelar pela fonte da neblina vivificante, que é a fonte de inspiração das belas palavras. Eu a revelei e conheci, na minha solidão, agora façam com que seus filhos e filhas, os *Jakaira de Coração Grande*, zelem para que ela dure e seja sempre lembrada. Em virtude disso, eles também deverão ser chamados, em alegoria a sua imagem, 'guardiões e guardiãs das neblinas das palavras inspiradas'.

¹ Textos originais extraídos de *Ayvu Rapyta*, correspondendo respectivamente aos cantos 14 e 17 do Capítulo III – *Yvy Tenonde/A primeira Terra* (CADOGAN, 1992, p. 55;57).



Amorosamente, envolvam a cabeça dos seus filhos e filhas com a neblina vivificante da inspiração...

... e através deles e delas ...

... no alvorecer de cada primavera...

... façam com que a neblina vivificante envolva toda a Terra!

Por isso, aos seus filhos e filhas, amorosamente deverão chamar *Jakaira de Coração Grande*.

Somente assim poderão eles e elas andar bem e com alegria.

Com nosso divino coração, estamos dispostos a criar uma morada terrena. Nossa Terra já demonstra indícios de infortúnios que ameaçarão a alegria de nossos filhos e filhas...

...entretanto, envolveremos todo o leito da Terra com a neblina vivificante. As chamas sagradas e a neblina haverão de animar e inspirar a todos os seres verdadeiros que circularão pelos caminhos da imperfeição...

Criaremos o tabaco e o cachimbo, para que nossos filhos possam se proteger... e iluminaremos mansamente a totalidade dos vales situados entre as florestas, com nossos relâmpagos silenciosos...



Jakaira Chy Ete

Divino feminino
Sopro
Arte da Palavra
Inspiração...

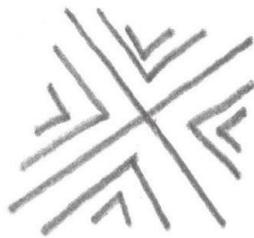
Divino feminino
Vento
Bruma da Palavra
Emanação...



Divino feminino
Novo tempo
Saber-poder-
fazer Fecundação

Divino feminino
Encantamento
Primavera da Palavra
Germinação

Amor Palavra Flor



Palavra
Definitiva essência
Arte do Ser
Palavra

Palavra Divina Arte

Arte Divina Palavra

Beleza do andar
Divino Ser
Palavra Cantar
Florescer

Algumas notas da autora:

Todos os textos e desenhos são livres criações iconopoéticas, inspiradas nos primeiros cantos que integram a narrativa mitopoética mbyá-guarani *Ayvu Rapyta*.

Os textos de *Ayvy Rapyta* foram entoados diretamente por Pablo Verá ao pesquisador León Cadogan, na década de 1940, no Guairá, Paraguai, que os registrou no dialeto mbyá-guarani e em espanhol.

Ayvy Rapyta foi publicado pela primeira vez na versão bilíngue no Boletim 227, Antropologia n.5, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1959. Posteriormente, foi republicado pela Biblioteca Paraguaya de Antropologia, em parceria com a Fundación Leon Cadogan, em Assunción, Paraguai (Cadogan,1992).

Recentemente, três das narrativas cantadas em *Ayvu Rapyta* foram retraduzidas cuidadosamente pela poetisa Josely Vianna Baptista (2011) para a língua portuguesa, ganhando leveza e sensibilidade. Segundo a própria Josely, seu "... partido tradutório prezou a materialidade quase ideogramática da língua indígena", atento às "redes de imagens" que "nomeiam abstrações" (Baptista, 2011: 13).

Seguindo o percurso inaugurado por Josely, esse pequeno ensaio iconopoético resulta do esforço em germinar um encontro entre as belas e inspiradas palavras mbyá-guarani, guardadas em *Ayvu Rapyta*, e as sensibilidades femininas contemporâneas.

A tessitura poética desse encontro parte do desejo de um devir-enlace afetivo e efetivo com uma divindade feminina em especial: *Jakaira Chi Ete* e suas capacidades inspiradoras.

O percurso narrativo é espelho da busca por desvelar e reconhecer a materialidade divina de *Jakaira*, cujo saber-poder-fazer é diuturnamente direcionado à guarda e transmissão da divina inspiração contida na fonte da fala, das belas palavras, da neblina vivificante.

Reverenciando e acolhendo a potência do pensamento mbyá-guarani, o ensaio abre-se para experimentações estéticas e intertextuais, que expressam meu trajeto na busca sincera de um encontro com *Jakaira Chi Ete* e seu repertório de dons divinos.

Efetivamente vivemos um novo tempo em que o feminino reascende no ocidente, pondo em perspectiva temas como maternidade, corpo, sexualidade, violência, política, vida, arte, ciência, cidadania, pensamento. A busca pela palavra inspirada, que melhor expresse nossa experiência feminina contemporânea, é motivação constante nesse caminhar.

Na busca de acertar o passo nessa dança intertextual, as imagens que vertem e alimentam o fluxo narrativo da experiência feminina contemporânea são instigadas a um deslocamento radical - fruto da explosão dialética mobilizada pelo encontro com as imagens que fluem da experiência mitopoética mbyá-guarani, a um só tempo humana e divina.

O desassossego provocado pela ideia de *imagem em movimento* (nos termos de Aby Warburg e Walter Benjamin) foi estímulo que fertilizou as inquietações motivadoras

desse propósito. Igualmente potente, a ideia de *imagem dialética* de Walter Benjamin foi inspiração central para o exercício da tarefa de tradução, indispensável à tessitura intertextual.

Como um *clarão*, a imagem dialética em Benjamin tem a potência de reter o *Outrora* no *Agora* cognoscível, promovendo deslocamentos dos objetos históricos de suas linhas de continuidade e lançando-os em constelações. Nesse movimento, amplificam os horizontes interpretativos, potencializando outros arranjos narrativos. Metodologicamente, essas duas imagens-ideias inspiraram a tessitura do ensaio.

Para Benjamin (2011, p. 103-104), “a traduzibilidade é uma propriedade essencial de certas obras – o que não quer dizer que a tradução seja essencial a elas, mas que uma determinada significação contida no original se exprime em sua traduzibilidade”. É graças à traduzibilidade do original que a tradução se encontra com ele em íntima conexão. Entretanto, a traduzibilidade se apresenta problemática: é força-potência latente e admitida na obra original, remetendo a uma conexão anunciada, mas incerta com seu tradutor. A esta conexão, Benjamin chama *conexão de vida*: analogamente às manifestações da vida, as quais estão intimamente ligadas ao ser vivo sem nada significarem para ele; a tradução procede do original expandindo sua vida em uma sobrevida [*Überleben*].

Frente ao devir incerto – e improvável – de encontrar a justa tradução entre a matéria do pensamento mbyá e aquela do feminino contemporâneo, a escolha intertextual opta pela amplificação das vias intuitivas e sensíveis, na ânsia de transpor língua, época, cultura, costume.

Tal transposição, em última análise, busca a libertação da forma através do mergulho na imaginação da matéria, até atingir o devaneio criativo e encontrar a vegetação obscura que cresce no fundo da matéria, em cuja noite florescem flores negras, anunciadas por Gaston Bachelard (1989), mas que na escuridão guardam o veludo e a fórmula de seu perfume. Trata-se de transpor a forma na direção do devaneio de uma poética da vida.

Sim, é na teia da vida que todas nós nos encontramos - mulheres, deusas e flores. Pois a maravilha da vida reside no impulso de permanentemente transpor a morte, lançar calor em meio ao frio, luz na escuridão, na busca da divina palavra, da vivificante neblina da inspiração.

Uma vida cuja potência de realização é sempre desafiada a resistir frente às vicissitudes desestabilizadoras que nos constroem.

Esse ensaio é sem dúvida tributário da minha profunda admiração pela condição humana mbyá-guarani: cientes das inexoráveis imperfeições terrenas, investem sua ciência, arte, atitude e prosa no domínio de capacidades para a vida; capacidades que permitam à pessoa guarani durar em meio às adversidades; e encontram a fonte de sua duração no cultivo da presença curadora das divindades no mundo (Pissolato, 2005).

Há pelo menos dois mil e quinhentos anos o povo guarani vive no espaço-tempo do Cone Sul Americano. Com sua territorialidade móvel, conecta florestas, cidades,

estradas, águas e campos que integram seu amplo território. Sociedade em movimento, enlaçam amorosamente o litoral do Brasil meridional e suas ilhas às paisagens que se estendem, ao norte, até encontrar o estado brasileiro do Espírito Santo; projetam-se, ao sul, até ingressar nas fronteiras do Uruguai e, a oeste, seguem as águas que articulam a bacia Atlântica aos rios Paraná e Prata, adentrando no Paraguai e Argentina. Nessa paisagem, em meio a uma parafernália de aparatos civilizatórios, entre prédios, avenidas, estradas, barragens, portos, redes de transmissão, mantém e disseminam sementes, plantas e animais sagrados, confiados aos seus cuidados pelas divindades. Fertilizam diminutas parcelas de terras e águas, ativadas pelo circuito milenar da *oguatá porá/seu belo caminhar sobre o mundo*, tecendo um mosaico de espaços existenciais.

Há tempos me fascina participar dessa ecologia poética mbyá-guarani, cuja trama aproxima as agências humanas das agências extra-humanas, numa constelação de seres e divindades. Ao final desse ensaio, me sinto tocada pelas emanções vivificantes da neblina da primavera que entra pela janela, inspirando as belas palavras através de *Jakaira Chy Ete*.

Manter o coração alegre, o caminhar sereno, a espinha ereta e seguir, entoando belas e inspiradas palavras ao vento novo de toda primavera, em meio às limitações da existência, não é tarefa fácil. Mas é essa a arte da vida mbyá-guarani que pode nos inspirar a prosseguir.

Glossário de bolso mbyá-guarani:

Ara: Tempo-espaço.

Ara Pyau: tempo-espaço novo; primavera; marcado pela chegada do vento norte-nordeste e pelo *tajy potýpy* florescimento do ipê.

Ara Yma: tempo-espaço antigo que cede lugar ao tempo-espaço novo de *Ara Pyau*, no ciclo permanente; associado ao inverno, especialmente ao final dele; marcado pelo vento sul, pelo frio, pelas noites longas e dias curtos; *Ara Yma* é tempo de meditar e contemplar as labaredas das chamas crepitantes e a fumaça, alegoria das neblinas vivificantes da morada divina de *Nhamanduí*; tempo-espaço do repouso e da intimidade.

Ayvu Rapyta: linguagem humana; fala.

Mainoií: colibri; beija-flor; ser etéreo-divino dos primeiros tempos.

Nhamandu: é nome de *Nhande Ru Tenonde*, nosso Pai Último-último Primeiro, figura central na cosmogonia mbyá-guarani.

Nhande Ru Tenonde: modo de se referir ao nosso Pai Último-último Primeiro. Essência divina da qual desdobraram-se a Terra, o firmamento, as outras divindades e todas as coisas. Habitava nos confins escuros da vasta noite primordial, sendo por isso reconhecido simultaneamente como Último e Primeiro.

Opy: casa de rezas; espaço sagrado onde as belas palavras inspiradas pelas divindades que diretamente se fazem presentes nas chamas crepitantes e na fumaça do tabaco (alegoria de *tatachina*, a neblina vivificante), são entoadas em cânticos e

plegárias, em historietas mítico-fabulosas, através das quais os preceitos do *nhandereko*, modo correto de ser-estar, são cotidianamente reafirmados e enunciados. Os jovens *mbyá* dizem que *Opy* é simultaneamente espaço de educação e promoção de saúde, sendo reconhecida como uma das instituições centrais da vida *mbyá-guarani*.

Pety: tabaco, fumaça de tabaco; alegoria de *tatachina* - a neblina vivificante primordial da inspiração divina. Criado e mantido pela potência divina de *Jakaira*, para fazer lembrar a

Potýpy tajy: florescer do ipê, indicando a chegada do *Ara Pyau*/espaço-tempo novo, a primavera;

Tajy: Ipê roxo, ipê amarelo; Ipê branco; *Tabebuia sp.*

Tatachina: neblina vivificante emanada diretamente de *Nhande Ru*, o Primeiro-Último, fonte eterna de inspiração. A verdadeira *tatachina* circula na morada divina de *Nhande Ru* e é acessível na Terra na chegada do espaço-tempo novo, *Ara Pyau*, a primavera. É inspiração das belas palavras, sendo zelada e acessível pelo casal de divindades *Jakaira Ru Ete* e *Jakaira Chi Ete*. Aos filhos e filhas cujas almas-palavras são enviadas à terra por esse par de divindades, devem zelar pela manutenção da fumaça, espectro das fontes divinas de *Nhamanduí*.

Tataendy: chamas; labaredas.

Tenonde: primeiro.

Urukure'a: coruja sarapintada; ser primigênio e enigmático, guardião da noite nos tempos primevos em que soprava o vento sul. A que vemos na Terra é apenas um espectro alegórico, uma imagem refletida daquela que vive no plano terreno divino de *Nhamanduí*.

Yma: antigo

Ypy: princípio; primitivo

Yvy: Terra

Yvy Tenonde: a primeira Terra, criada por *Nhande Ru/Nhamandu* e destruída pelo dilúvio

Agradecimentos: A Loraine Oliveira, pelo convite instigante que estreitou meus enlaces de afeto com *Jakaira Chi Ete*. Aos *mbyá-guarani* com quem tenho dialogado ao longo das últimas duas décadas, especialmente aos meus mestres Lurdes Ara Martins e Ernesto Kuaray Pereira (*in memoriam*), e aos jovens Marcelo Werá Mirim Gonçalves, Diennis Araí Timóteo e Daniel Kuaray Timóteo.

Bibliografia:

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *A Água e os Sonhos*: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *A Terra e os Devaneios do Repouso*: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. *A Terra e os Devaneios da Vontade: ensaio sobre imaginação das forças*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas - Vol.I. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. A tarefa do tradutor. In: BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem*. Coleção Espírito Crítico. São Paulo: Ed. Duas Cidades; Ed. 34, 2011, pp. 101-119.

BAPTISTA, Josely Vianna e MIRANDA, Luli (organização e tradução). *Neblina vivificante – poesia e mito mbyá-guarani*. Cadernos da Ameríndia I. Ouro Preto: Tipografia do Fundo de Ouro Preto, 1996.

BAPTISTA, Josely Vianna. Roça Barroca. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

BÖING, Raul e RIBEIRO, Simone (coordenadores). *Arte Botânica no Paraná*. Curitiba: Centro de Ilustração Botânica do Paraná; Skeditora, 2014.

CADOGAN, León. *Ayvu Rapyta – Textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá*. Colección Obras de León Cadogan. Volumen II. Serie Etnología I. Asunción: Fundación León Cadogan, CEDUC-CEPAG, 1992.

CARNEIRO, Luiz Orlando. *As obras primas do jazz*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

CESARINO, Pedro. *Histórias indígenas dos Tempos Antigos*. Ilustrações Zé Vicente. 1ª. Ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

FREITAS, Ana Elisa de Castro. A Poética do Belo Caminhar: Arte, ecologia, narrativa e resistência Mbyá Guarani. *TOM Caderno de Ensaio #4, Curitiba*, Vol.2, n.4, UFPR. julh./dez., 2016.

FREITAS, Ana Elisa de Castro e BUENO, Antônio Augusto. *Traço: Pulso Primordial*. Exposição. Londrina: Grafatório, 2016.

JOBIM, Antônio Carlos. *Wave*. Composição Musical. 2'51". Rio de Janeiro: A&M Records, 1967.

PISSOLATO, Elizabeth de Paula. *A Duração da Pessoa - mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2005.

VERÁ, José. *Mbya Guarani. Desenhos e textos*. Organização: ESTIVALET, Cilon e SILVA, Maria Cristina. Canela: ASSECAN, 2007.

WARBURG, Aby. *Histórias de fantasma para gente grande*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WHERÁ, Adilson Barbosa Karaí e colaboradores. *Mbyá Reko – Vida Guarani*. Caderno Bilingue. Florianópolis: EPAGRI, 2008.